



rumores e ruídos

AQUI E AGORA

Aviões cortam os céus, trens-bala atravessam fronteiras desarmando barreiras geográficas e linguísticas. O espaço se encurtou, e o tempo se comprimiu. Como diz o poeta Mário Quintana, o mapa-múndi se descoloriu: “A facilidade das comunicações acabou com esses tanques em que florescia as diferentes culturas. (...) É verdade que o mundo continuou a ser uma colcha de retalhos, mas são todos são da mesma cor”.

Voraz, a velocidade rege nossos dias com correntes de ferro, aprisionando-nos à instantaneidade que nos congela num presente eterno, sem memórias e sem grandes expectativas. Tudo há de nascer e morrer sem esperas. Não há tempo para gestar nem para contemplar. Ampulhetas que espremam grão a grão a passagem do tempo devem ser quebradas para que este reine livre de amarras.

“Tempo, tempo, tempo, tempo/ por seres tão inventivo/ e pareceres contínuo/ és um dos deuses mais lindos”, canta Caetano Veloso. Mas este deus é nosso grande algoz, senhor dos nossos destinos. Esse tempo que parece contínuo nos escraviza. Somos reféns da necessidade de ser aqui e agora. Não podemos olhar pelo retrovisor nem especular em bolas de cristais. Não há mais tempo de espera, nem de espreita, nem de suspense. Temos que matar o tempo que se alonga para que o império de nossos sentidos se satisfaça.

Já vai longe a época em que canetas pacientemente mergulhadas em tinteiros desenhavam palavras com um bico que riscava a página em branco descortinada sobre as escrivatinhas dos escritórios. Na mão cerrada que fazia o tempo retardar para nele caber a gestação de nossas ideias, havia algo que se suspendia. Hoje, nossos dedos correm nervosos, em teclados e telas, para que tudo seja prontamente enviado com um clique. Sem preocupações de retoques e sem remorsos.

Missivas, epístolas e cartas se tornaram anacrônicas porque é inconcebível esperar por notícias e imagens. Temos que devorá-las, pois estamos sempre à



rumores e ruídos

flor da pele. O coração não mais dispara com a voz do carteiro ou com a sua ausência. As caixinhas de correio são hoje caixas de entrada onde emails se acumulam, obrigando-nos a agendar faxinas para deletar o lixo dos spams. Que saudade das caixinhas vazias que nos apertavam o peito! A demora era salutar porque nos fazia imaginar.

A instantaneidade dos emails, das mensagens nos celulares, da voz e da imagem no skype se, por um lado, nos sossega a sanha de tudo ver e saber, por outro, nos abafa a memória e os sonhos. E, assim, empanzinados de notícias e convites seguimos famintos de desejos insatisfeitos e de promessas. O por(vir) é longe demais. Urge que o aproximemos e abortemos qualquer demora.

Na mitologia grega, Cronos é associado ao tempo, é filho de Urano (o céu estrelado) e de Gaia (a terra). Com a ajuda dos irmãos, o titã castra o pai, tornado-se rei dos deuses. Para escapar do vaticínio de que seria morto pelos filhos, Cronos os engole ao nascerem. É um deus feroz, portanto. Se pensarmos nessa tirania, que o mundo grego nos oferece como explicação, talvez, possamos entender melhor as vertiginosas máscaras atuais utilizadas por esse senhor. Disfarçado nas tecnologias que nos rodeiam e iludem com os benefícios de uma comunicação rápida e instantânea, ele nos mantém condenados à pior das maldições: o presente perpétuo.

Quando Chico Buarque canta despretenso “não se afobe não, que nada é pra já”, remete-nos a uma concepção do tempo bem diferente daquela com a qual somos constrangidos a viver. Infelizmente “tudo é pra já”. Quem dera se, como na letra, pudéssemos vislumbrar um futuro guardado no fundo do armário: “O amor não tem pressa, ele pode esperar/ Em silêncio, num fundo de armário/ Na posta-restante, milênios, milênios no ar.”

Agarramos, com um clique, num enter, esses “milênios no ar”, dos quais nos aproximávamos sem pressa, por tentativas e algumas frustrações. As pesquisas pela internet, as mensagens instantâneas, as redes sociais, tudo tudo nos comprime num mesmo espaço-tempo que quer, a qualquer preço, apagar as distâncias do passado e as quimeras do futuro. Presos a muitas redes e listas



rumores e ruídos

vivemos a ilusão da onipresença. Eternamente online.

Mas para que não me tomem como desconectada, desplugada, off line, além de rabugenta, informo-lhes que o email analice@fmanha.com.br encontra-se ativado e, como me advertiu o simpático Luiz do suporte tecnológico deste jornal, “agora você existe”.

